

LIDGERWOOD MFG CO. ESTRATÉGIAS DE PENETRAÇÃO E PERMANÊNCIA NO MERCADO BRASILEIRO DE MÁQUINAS DE BENEFICIAMENTO DE CAFÉ, DA DÉCADA DE 1850 A DE 1890

Ema Elisabete Rodrigues Camillo
Unicamp

Respaldado em estudo que teve por objetivo analisar o processo de modernização ocorrido na segunda metade do século XIX no Brasil, através de uma empresa em particular, a Lidgerwood MFG Co., das décadas de 1850 a de 1890. Período que assinala primeira fase de sua existência no Brasil, na qual foi dirigida por William Van Vleck Lidgerwood, um norte-americano que comercializou, produziu e distribuiu máquinas de beneficiamento de café em caráter quase monopólico. Acompanhando a trajetória da empresa e do empresário, pontuada por suas atividades no exterior, este trabalho se propõe a analisar as relações que estabeleceu junto aos usuários de seus produtos bem como junto aos seus concorrentes, na medida das quais se tentará detectar as estratégias que desenvolveu para estabelecer-se no mercado de máquinas no Brasil bem como ampliar esse mercado e, também, cuidar da manutenção da liderança que exerceu junto a esse mesmo mercado.

Na década de 1850 o Brasil se moderniza e passa a fazer parte das estratégias de expansão geográfica das empresas líderes do setor industrial dos países capitalistas centrais, se esforçando para sincronizar sua atividade com o mundo capitalista contemporâneo. Também foi nessa década que, segundo apontado por Mira Wilkins, ocorreu a migração de negociantes americanos para o Brasil, na esteira do primeiro agente das máquinas de costura Singer e cita William Van Vleck Lidgerwood, um engenheiro mecânico norte-americano, que se estabelecera em Campinas onde montou um negócio importante e tão logo passou a vender, não apenas máquinas de costura, mas equipamentos agrícolas e industriais fabricados nos EUA.¹

Quanto a década de 1890 esta se justifica por William Van Vleck Lidgerwood ter permanecido à frente da empresa no Brasil pelo menos até 1896, pois diz-se que Lidgerwood deixara Campinas para residir em Londres por ocasião da epidemia de febre amarela que infestou a cidade em vários surtos até ser debelada em 1896. Sabe-se

¹ WILKINS, Mira. *The emergence of Multinational Enterprise: American Business Abroad from de Colonial Era to 1914*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1970, p. 176.

através de documento do “Archivo do Districto Federal. Licenças para Obras”, datado em 23 de novembro de 1897, que o proprietário do prédio situado à rua da Saúde, n.134 e 136, sr. William V. V. Lidgerwood, , residia em Londres. E que foi visitado pelo então presidente Campos Sales, de quem era muito amigo, nessa mesma cidade, por ocasião de sua passagem pela Inglaterra em 1898.²

Assim, em função do objeto de estudo escolhido, a análise deste trabalho deverá procurar limitar-se à atuação da Lidgerwood no ramo das máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas, particularmente o café, no âmbito das regiões cafeeiras do Brasil, e dentro do período que acabamos de justificar.

Este trabalho tem por objetivo por um lado, o estudo do setor do comércio importador de máquinas agrícolas e de outro a constituição do setor produtivo dessas mesmas máquinas, através de uma empresa em particular, a **Lidgerwood MFG. Co. , Limited** da década de 1850 a de 1890, conforme acima definido. Período em que essa empresa foi dirigida por William Van Vleck Lidgerwood, cidadão norte-americano, engenheiro mecânico, inventor e aperfeiçoador, fabricante e distribuidor de máquinas de beneficiamento de café, que exerceu papel fundamental na introdução e distribuição dessas máquinas em todo o território do então Império do Brasil.

Um sistema de máquinas fabricado nos EUA e comercializado, distribuído, aperfeiçoado em outras regiões do mundo, que incluem o Brasil e a Escócia em 1860 e Java em 1868. Com depósitos e escritórios em: Nova York, Coatbridge (Escócia), Ceylão, Lockerbie (Escócia), Londres, Java , Rio de Janeiro, Taubaté, Santos, São Paulo, Campinas, Soerabaija (Netherlands – India Ocidental) e com “oficinas de construções mechanicas” em New York (EUA), Coatbridge (Grã-Bretanha) e Campinas (Brasil).³

Quanto ao registro de início de suas atividades no Rio de Janeiro, o *Correio Mercantil*, jornal de circulação diária na então capital do Império do Brasil, cidade do Rio de Janeiro, publicava em sua seção “Registro do Porto” as entradas e saídas de embarcações com a identificação de cargas e passageiros. Assim das “entradas no dia 9 de julho” de 1862, a procedente de Nova York pelo vapor americano Constitution,

² *Archivo da Cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura do Districto Federal. Archivo Municipal. Licença para obras. “Vistoria Administrativa do prédio à Rua da Saúde, 136”, ...Logradouros “S”, 1897. Abril, 1919., p. 27. MONTEIRO, Tobias. Presidente Campos Sales na Europa. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1983, p. 94.*

³ Informações extraídas de propaganda localizada no jornal *A Gazeta de Campinas*, Campinas, 3 set. 1889, p.4 e em BANDEIRA JR., Antonio Francisco. *A indústria no Estado de São Paulo* em 1901. São Paulo: Typ. Do “Diário Oficial”, 1901, p.159.

trouxe os passageiros americanos Reverendo J. C. Fletcher e W. V. “Ladgewood”. Alguns meses se passaram até que esse mesmo jornal estampou em outra de suas seções, na de *Importação – Manifestos* a remessa de “machinas: 263 peças a Ledgerwood” trazidas pelo brigue inglês Spartan vindo de New York e desembarcadas no dia 1 de outubro de 1862. Oito dias depois a barca americana Gleunwood de New York trazia mais: “Machinismo: 44 vols. a W. V. Lidgerwood.”⁴

Acompanhando as entradas de máquinas através da seção acima indicada, foi possível montar o quadro que se segue, através do qual pudemos aquilatar como e em que volume se deu a entrada de máquinas e instrumentos agrícolas no Brasil, particularmente as procedentes dos EUA, remetidos à William V. V. Lidgerwood.

TABELA I - “Machanismos” e Instrumentos Agrícolas entrados no Porto do Rio de Janeiro procedentes do Porto de Nova York, no período de 1862 a 1868, destinados a Lidgerwood.⁵

Anos/ Total	1862	1863	1864	1865	1866	1867	1868	Total
Machanismos	3	14	12	7	2	2	4	44
Instrumentos Agrícolas	—	—	—	9	7	6	9	31
No. de chegadas	3	14	12	16	9	8	13	75
Total de machanismos	315	703	301	372	22	21	60	1794
Total de Inst. Agrícolas	—	—	—	385	972	245	316	1918
Total de remessas	315	703	301	757	994	266	376	3712

FONTE: Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 1862-1868.

⁴ Com relação a essa questão do início de suas atividades no Brasil temos a esclarecer que após exaustivas pesquisas realizadas junto ao Fundo da Junta Comercial do Império depositado no Arquivo Nacional, nenhum registro foi localizado sobre essa firma.

⁵ Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, seção Importação – Manifesto, edições de 9 de julho de 1862 a 15 de novembro de 1868. Os volumes, caixas ou por vezes peças, destinavam-se a W. V. Ladgewood ou mais frequentemente à Ledgerwood, mais que à Lidgerwood. Esclareça-se que o levantamento procedido nesse jornal abrangeu desde a edição de 1º de Janeiro de 1850.

Analisando os números expressos no quadro acima, podemos afirmar que não existe correlação entre o número de entradas e o volume de produtos importados por Lidgerwood. Por exemplo, embora o ano de 1865 tenha sido no período o de maior número de entradas, este não correspondeu nem ao maior volume de máquinas, nem ao de maior número de instrumentos agrícolas, embora assinale o ano de segundo maior volume de itens importados. O número de chegadas com remessa de machinismos foi maior que o número de entradas de instrumentos agrícolas abarcando 58,7% delas contra 41,3% das demais, embora em termos de volume total o de instrumentos agrícolas tenha excedido o de machinismos.

O ano de 1863, foi aquele em que ocorreu o maior volume de importação de máquinas, tendo havido após esse ano e nos subseqüentes decréscimo acentuado do volume importado. Ainda com relação ao ano de 1863, o volume de 703 machinismos remetidos à Lidgerwood, sofreu um acréscimo de 123,17 % em relação ao de 1862 que é o de seu estabelecimento no Rio de Janeiro. Há que ser lembrado que desse volume devem fazer parte as máquinas de descaroçar algodão que ele também comercializou nesse mesmo ano e nos seguintes.

Canabrava destaca a atuação de Lidgerwood em 1863 na montagem e exposição de descaroçadores de algodão do sistema de cilindro na capital do Império, por ordem do Imperador, para serem examinadas e depois divulgadas em publicação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Aquela autora assinala que foi no final de 1864 que ocorreu o grande incremento da cultura algodoeira da Província de São Paulo. Sobretudo nos municípios onde atuaram novas condições estimuladoras, criadas pela guerra civil americana, embora a velha cultura do algodão subsistente se encontrasse em estado de grande decadência. Ano esse em que, como já mencionado, Lidgerwood instalou depósito de máquinas em Campinas. Somente em 1865 apareceram nos jornais da Província de S. Paulo os primeiros anúncios que revelam a existência de máquinas de descaroçar algodão em casas comerciais da capital e de Santos. As mais importantes casas importadoras, contudo, continuavam sendo as do Rio de Janeiro, então o maior centro comercial do País.⁶

⁶ CANABRAVA, op. cit., p. 180 – 183, 185. A Inglaterra tendo em vista satisfazer necessidades de seu parque interno e se libertar da dependência quase exclusiva dos EUA, promoveu o desenvolvimento da

Deve ser esta a razão pela qual se constata no ano de 1865, a introdução nas remessas para Lidgerwood de instrumentos de agricultura só ocorridas a partir desse ano, diz-se motivadas por crescente demanda que pode ser atribuída ao “rush” do algodão identificado por Canabrava. Observe-se que de 1867 para 1868, as importações de máquinas sofreram um acréscimo de 285,6%, de 21 para 60 volumes, embora sob uma base baixa esse aumento pode ser significativo.

Mas, com relação ao conjunto dos maquinismos recebidos por Lidgerwood no período considerado que os importou no volume de 1794 unidades, temos a ponderar que tal surto redundou para a Província de São Paulo em várias tentativas e na fundação de fábricas de tecidos, entre elas podemos destacar a de São Luiz, em Itú, inaugurada em 1869, a primeira fábrica de tecidos da Província. Sendo que o projeto industrial e de montagem dessa fábrica foi elaborado nos escritórios de Lidgerwood em Campinas, tendo sido seu autor Guilherme Putney Ralston, técnico que na época era chefe das oficinas e sócio de Lidgerwood sob a razão social de Guilherme P. Ralston & Cia, firma que se encarregou de importar dos Estados Unidos toda a maquinaria necessária à sua instalação.⁷

No conjunto de pareceres sobre solicitações de “privilégios de monopólio de invenções, de prêmios e favores para a invenção de máquinas e processos de beneficiamento” que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional transmitiu ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas relativas ao ano de 1860, constava que em resposta à solicitação de Guilherme Van Vleck o parecer fora de “proposta de prêmio pela invenção da máquina de beneficiar café”.⁸

Solicitação que certamente redundou no Decreto n. 3006 de 21 de novembro de 1862, através do qual Sua Majestade Imperial expediu carta dada no Palácio do Rio de Janeiro a 5 de dezembro de 1862, onde “há por bem conceder a Guilherme Van Vleck Lidgerwood e Robert Porter Walker, privilégio por dez annos para fabricarem, uzarem e

cultura do algodão em outras partes do mundo, política essa que datava já de alguns anos antes da guerra civil americana.

⁷ CANABRAVA, op. cit., p. 282. CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas: 1850-1887*. Campinas S. Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 51. Sabe-se que esse procedimento também ocorreu em relação a fábrica de tecidos Cedro de Minas Gerais, fundada em 1872 e da participação de Lidgerwood na montagem de pelo menos mais cinco implantações de outras unidades industriais. CAMILLO, idem, idem, e *ALMANAK (Laemmert) Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1877*. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1877. Notabilidades, p. 43.

⁸ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História Político-Administrativa da Agricultura Brasileira. 1808 – 1889*, s.n.t., p.82, 83.

venderem no Império máquinas de descascar e limpar café, *aperfeiçoadas* segundo o processo de sua *invenção(...)*”.⁹

O primeiro registro do estabelecimento dessa firma na Capital do Império foi localizado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro e data de 7 de junho de 1863, com “*depósito de machinas americanas*”. Embora o catálogo da Exposição Regional de Campinas, aponte o ano de 1862 para o seu estabelecimento com depósito de máquinas à Rua da Misericórdia, n. 52.¹⁰ Fato esse que pode ser confirmado em outra propaganda também localizada no *Jornal do Comércio*, datada em 16 de julho de 1869, que confirma textualmente essa informação: “estabelecida em 1862”. Foi ainda através da mesma propaganda de 7 de junho de 1863 que obtivemos as informações sobre as origens dessa empresa no exterior, ao anunciar que as máquinas americanas de preparar café, pelo sistema Lidgerwood, eram fabricadas na fundição de Speedwell, propriedade dos Srs. J. H. Lidgerwood & Cia., de New York. Outra propaganda publicada igualmente no J. do Comércio em 23 de novembro de 1864 dá conta de explicitar ainda que se trata de:

“(…)Depósito Filial de J. H. Lidgerwood E C., New York. Engenheiros, Fabricantes, Negociantes e Proprietários da Fundição de Speedwell estabelecida em 1800. Rua da Misericórdia, 52. Guilherme V. V. Lidgerwood ”

Durante o século XIX a Fundição Speedwell polarizou um centro industrial de grande magnitude ao norte de New Jersey, nos EUA. Fundada por Stephen Vail, a indústria de ferro Speedwell evoluiu de uma simples produtora de pregos para um dinâmico complexo industrial.¹¹ A fundição de New Jersey encerrou suas atividades em 1873. Em 1876 o equipamento foi vendido e embarcado para uma fundição em Coatbridge na Escócia e outra no Brooklyn em Nova York.¹²

⁹ *LIBELO Civil*. Juízo Municipal de Campinas. Autor: Guilherme Van Vleck Lidgerwood e Réu: Bierrenbach & Irmão, 1870. FundoTribunal de Justiça de Campinas, I Ofício, cx. 199, n. 4162, fl.8. CMU.

¹⁰ *EXPOSIÇÃO Regional de Campinas. Pavilhão Lidgerwood. Notícia e descrição de suas machinas*. Typ. Do Livro Azul, 1885, p. 6,7.

¹¹Os dados sobre Speedwell foram levantados através do endereço eletrônico: <http://www.Speedwell.org/iron/ironwork.html>.

¹²A consulta aos sites de busca genealógicos, via internet, existentes em profusão, tornaram-se obrigatórias.

A ligação comercial e industrial de William V. V. Lidgerwood à John H. Lidgerwood, encontra-se explicitada, ainda uma vez, nas amplas e densamente ricas - em conteúdo informacional - propagandas, principalmente as primeiras que essa firma mandou publicar, que dão conta de informar até mesmo a origem da propriedade da fundição Speedwell: “proprietários por herança”.¹³ Contudo residem nas relações de parentesco a origem das relações comerciais transplantadas para o Brasil. Senão vejamos:

Mary Carter Hedges foi casada em primeiras núpcias com John Lidgerwood, desse casamento nasceram dois filhos: John Hedges Lidgerwood (1830) e William Van Vleck Lidgerwood (1832). Contudo Mary voltou a casar-se em 1848, com Stephen Vail, sendo dele sua segunda esposa. Constata-se portanto a estreita ligação entre William V. V. e John Hedges, pois eram irmãos. Ocorre que John Hedges Lidgerwood, casou-se em 1860 com Harriet Bethiah Vail Cutler, neta de Stephen Vail por parte de seu primeiro casamento. Sendo assim é de se supor que John Hedges tenha passado a ser duplamente herdeiro de Stephen Vail e, conseqüentemente de Speedwell, na qual, sabe-se, já tivera participação, ademais de direitos advindos de sua mãe que falecera em 1860. Tendo a referendar essa condição a propaganda de 1866 definindo a propriedade de Speedwell por parte da firma J. H. Lidgerwood & Co. como “proprietários por herança”. Sendo assim, fica claro que William V. V. sendo filho da segunda esposa de Vail também tenha tido direito, admiti-se, embora não idêntico ao de seu irmão, de participação na propriedade de Speedwell. Pode também não ser coincidência o fato do início de suas atividades no Brasil estarem muito próximas da data de falecimento de sua mãe, postula-se, que uma vez sua situação estivesse mais bem definida em relação a sua participação em Speedwell ele ousasse expandir ainda mais as atividades da empresa no exterior, onde se incluem além do Brasil, Escócia e Java, como já apontado anteriormente.¹⁴

Realizadas no Rio de Janeiro nos salões do edifício da Typographia Nacional por iniciativa do Centro da Lavoura e do Comércio em dois anos consecutivos, 1881 e 1882, a Primeira e a Segunda Exposição de Café do Brasil, são extremamente significativas para a análise que estamos desenvolvendo, por nos permitir definir quantitativamente a atuação e penetração da empresa em estudo, ainda em sua fase

¹³ *ALMANAK(Laemmert) Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1866*, Eduardo & Henrique Laemmert, 1866. Notabilidades, p.39.

¹⁴ <http://speedwell.org/Vail/fam.html>. – Historic Speedwell – Moristown, NJ – Obsolete Page.

comercial – importadora, nas regiões cafeeiras – Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, então as mais prósperas do País, responsáveis por 95% da produção nacional de café, no período considerado. Ressalte-se que até essa data os cafés brasileiros limitavam-se a serem expostos apenas no exterior.

A Primeira Exposição de Café do Brasil, ocorrida de 14 a 24 de novembro de 1881, reuniu e mostrou 1145 amostras pertencentes a 924 expositores. Estiveram representadas as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e em “diminuta parte” as províncias de São Paulo e Espírito Santo.¹⁵ As quatro regiões cafeeiras, acima indicadas, apresentaram o seguinte volume de amostras:

Rio de Janeiro	574
Minas Gerais	371
São Paulo	130
Espírito Santo	18
Não declararam origem	52
TOTAL	1.145 ¹⁶

Resultante da exposição procedida foi realizada tabulação dos equipamentos de beneficiamento empregados nas fazendas do Rio de Janeiro, nela pode-se verificar que o engenho de pilões ainda se classificava como o processo mais usado por 186 fazendeiros; 141 faziam uso de tipos “não declarados”; 138 utilizavam Lidgerwood; tendo sido a máquina de Bernardino de Mattos apontada por um único usuário. Portanto de um total de 465 declarações de uso de equipamentos de beneficiamento, Lidgerwood contou com a preferência de aproximadamente 30% dos usuários de máquinas, ficando os demais 30,5% com os que não declararam preferência, cabendo os restantes 39,5% aos engenhos de pilão ainda o processo mais utilizado naquela região cafeeira.¹⁷

Quanto a Segunda Exposição de Café do Brasil, realizada no período de 22 de outubro a 6 de novembro de 1882”, esta reuniu e expôs um total de 1277 amostras provenientes de 1105 expositores especialmente das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Sendo assim, a remessa de amostras em relação as províncias acima indicadas possibilitou a montagem do seguinte quadro ao qual pode ser agregado o número de municípios participantes também por província.

¹⁵ *CORREIO Paulistano*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1881.

¹⁶ *CENTRO da Lavoura e do Comércio. Relatório da Segunda Exposição de Café do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira Maximino & C., 1883. Anexos, 1-4.

TABELA II – Participantes da Segunda Exposição de Café do Brasil por províncias, municípios e número de amostras

PROVÍNCIAS	No. de municípios	%	No. de amostras	%
RIO DE JANEIRO	20	35,1	659	51,6
MINAS GERAIS	12	21	414	32,41
SÃO PAULO	22	38,5	133	10,41
ESPÍRITO SANTO	3	5,2	17	1,33
IGNORADAS			54	4,22
TOTAL	57	99,95	1277	99,97

Fonte: Relatório. Segunda Exposição de Café do Brasil. 1883, p.XXX e Anexos I-IV.

Ao estabelecermos correlação entre o número de municípios por província e o número de amostras salta aos olhos, principalmente, os números referentes a São Paulo. É através deles que se constata que não existe relação direta entre esses dois dados, assim é que embora São Paulo tenha participado com o maior número de municípios, em número de amostras o mesmo não se deu, como se depreende da tabela acima.¹⁸ O jornal Correio Paulistano, em pleno decorrer da Exposição observava pertinentemente que embora o número de plantadores-expositores não tenha sido “avultado”, devido ao seu “habitual retraimento quando se trata de fazer-se representar em reuniões celebradas no Rio de Janeiro, em que se agitam importantes interesses agrícolas”, não deixara de expor algumas amostras de café, que atraíram a atenção dos interessados e entendidos, motivando até mesmo artigo publicado sobre a variedade produzida em São Paulo, “o café amarello de Botucatu.”, alertava o autor do artigo que se tratava de um tipo especial que a Exposição oferecia e que merecia particular menção.¹⁹

Os dados dos “mappas”, já anteriormente mencionados, possibilitaram ao autor do estudo abaixo citado a elaboração da seguinte tabela:

¹⁷ IDEM. STEIN, Stanley J. . *Vassouras. Um município brasileiro do café, 1850 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 278. Esse autor apoiou-se em dados de Anexo constante da *Breve notícia sobre a Primeira Exposição de Café do Brasil*. Rio de Janeiro, 1882.

¹⁸ IDEM, p. 20. O número de municípios por província foi calculado a partir de levantamento procedido junto aos Anexos I (Rio de Janeiro), II (Minas Gerais), III (São Paulo) e IV (Espírito Santo).

TABELA III -Demonstrativa de utilização de Instalações, Equipamentos e Máquinas de Beneficiamento de Café por Províncias e por Fabricantes em 1882. ²⁰

MÁQUINAS	PROVÍNCIAS				
	Espírito Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo	Total
Carretão	-	8	19	1	28
Pilão d'água	13	190	187	40	430
Monjolo	-	3	5	2	10
Máquinas Modernas					
Águia do Sul	-	-	1	-	1
Andrade	-	2	2	-	4
Aperfeiçoada	-	1	4	1	6
Arens & Irmãos	-	3	-	-	3
Bernardino de Matos	-	-	1	-	1
Bierrenbach	-	-	2	-	2
Brasileira	-	6	17	-	23
Concassor	-	6	17	-	23
Congresso	-	-	24	2	26
Duprat	-	2	26	-	28
Ferreira de Assis	-	10	2	-	12
Feronia	1	-	-	-	1
Fonseca	1	-	-	-	1
Hallier	-	-	3	-	3
Hargreaves	-	1	-	-	1
J. Jacintho de Mello	-	1	-	-	1
Lidgerwood	2	87	126	46	261
Mac Hardy	-	-	-	2	2
Macedo	-	-	1	-	1
Manoel da C. Aguiar	-	-	2	-	2
Maravilha	-	-	3	-	3
Marinho & Irmãos	-	1	1	-	2
Mineira	-	2	-	-	2
Moderna	-	-	20	4	24
Progresso	-	-	2	1	3

Fonte: Contribuição para o estudo das máquinas de beneficiar café. Leme, 1944, p.27.

¹⁹ “NOTAS sobre café – Segunda Exposição de café”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 out. 1882.

Indicativo do movimento do comércio de máquinas de beneficiamento de café para o ano de 1882, este quadro apresenta dados que foram levantados junto aos 1277 produtores de café, acima citados, oriundos de 57 municípios brasileiros que tomaram parte na citada Exposição. Expressos em nomes e em números de máquinas, os dados definem a então Casa Lidgerwood como a empresa que mais comercializou máquinas de beneficiamento nas quatro províncias, consideradas, então, os maiores centros produtores de café do Brasil.

Em número de máquinas comercializadas sua participação, pode ser considerada quase monopólica pois colocou nas quatro províncias acima indicadas, 261 máquinas, ao passo que entre as demais empresas mencionadas, apenas uma (Duprat) atingiu 28 máquinas, tendo as outras 23 apontadas, apresentado números inferiores a 26 máquinas cada uma. Observe-se que nesse ano essa empresa ainda não fabricava máquinas no país, apenas as importava dos EUA e da Inglaterra e as aperfeiçoava em suas oficinas dotadas de técnicos capazes de fazer reparos, montagens e também adaptações de máquinas às necessidades da lavoura local.

Os diversos “Mappas” apresentados para cada uma das quatro províncias contendo demonstrativo das máquinas em relação a cada uma delas nos permitiram mapear e, sobretudo, identificar e quantificar o mercado dessa empresa no país. Assim a província que apresentou o maior número de municípios participantes da exposição foi São Paulo com 22 municípios, seguida pelo Rio de Janeiro com 20, Minas Gerais com 12 e Espírito Santo com 3. Contudo, o maior número de amostras proveio da província do Rio de Janeiro, que em relação ao consumo de máquinas da marca Lidgerwood, representou ser seu maior mercado. Dos 20 municípios que participaram enviando amostras, 11 deles se utilizavam das máquinas do sistema Lidgerwood, cabendo a essa empresa a liderança desse mercado pois sozinha foi responsável por 55% do seu abastecimento, expresso em 126 indicações.²¹

Com relação a província de Minas Gerais, o consumo de máquinas Lidgerwood foi declarado em 9 municípios dos 12 que participaram do evento. Lidgerwood dominava em 75% o mercado de máquinas dessa província, tendo ali recebido 87 indicações de uso. A fundição Arens & Irmãos, estabelecida em Campinas desde 1877,

²⁰ LEME, Hugo Almeida. *Contribuição para o estudo das máquinas de beneficiar café*. Tese de concurso para o provimento da 15ª Cadeira (Mecânica e Máquinas Agrícolas) da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP. Piracicaba, 1944, p. 27.

²¹ CENTRO de ..., op. cit., Anexo I.

aparece indicada em dois municípios que também faziam uso das máquinas Lidgerwood, em Rio Novo (1) e em Rio Preto (2).

Na província de São Paulo, dos 22 municípios participantes, 11 indicaram Lidgerwood como a máquina em que as amostras expostas foram obtidas, portanto 50% dos expositores davam-lhe preferência.. Dos outros 11 que não indicaram Lidgerwood, em 9 deles se usavam outros processos (engenho de pilão, monjolo ou não declararam) e em 2 outros se usavam outras máquinas, em um deles, Amparo, a Mac Hardy foi indicada, fundição esta estabelecida em Campinas desde 1875. Essa cidade não deve ter enviado amostras para a referida Exposição pois não constou da relação dos municípios da província de São Paulo. Do total de 261 indicações recebidas por Lidgerwood, São Paulo participou com 46 delas, ou seja apenas com 17,62%.

O mercado da província do Espírito Santo, embora bem mais restrito que os demais, não deixou de indicar Lidgerwood. Sendo que dos 3 municípios presentes no evento em apenas um, Cachoeiro do Itapemirim (2) Lidgerwood foi indicada. Ainda assim, essas indicações mostram essa empresa como sendo responsável por 33,33% daquele mercado.

O quadro abaixo se presta a resumir o acima exposto e a possibilitar a visualização da real importância dessa empresa junto as várias províncias produtoras:

TABELA IV – Participantes da Segunda Exposição de Café do Brasil por províncias, municípios e número de municípios que indicaram o uso da marca Lidgerwood

PROVÍNCIAS	No. de Municípios	No. de Municípios que indicaram Lidgerwood	%
Rio de Janeiro	20	11	55
São Paulo	22	11	50
Minas Gerais	12	9	75
Espírito Santo	3	1	33,33
TOTAL	57	32	56,14

Fonte: Relatório. Segunda Exposição de Café do Brasil. 1883. Anexos I-IV.

Constata-se que as máquinas Lidgerwood eram utilizadas em 56,14 % dos municípios que participaram da Segunda Exposição de Café do Brasil. Sendo que em relação a Minas Gerais essa porcentagem sofre considerável aumento, 75%, definindo-se assim ser esse o mercado onde Lidgerwood sofria menor concorrência, pois liderou com ampla margem a preferência dos cafeicultores mineiros.

Na verdade há que se destacar que o principal concorrente dos sistemas mecanizados não só de Lidgerwood como de outros importadores e fabricantes eram ainda os processos rotineiros, sendo liderados por aquele processo que empregava principalmente o engenho de pilões para o beneficiamento do café. O quadro abaixo é demonstrativo e comparativo do número de Engenhos de Pilão/Monjolo/Carretão, com destaque entre parêntese do número de engenhos de pilão, do de máquinas em geral e máquinas Lidgerwood presentes nas províncias cafeeiras, no ano de 1882.

TABELA V – Demonstrativa e Comparativa do uso de máquinas e outros processos de beneficiar café.

PROVÍNCIAS	Engenhos de Pilão/ Monjolo/Carretão	Máquinas em Geral	Máquinas Lidgerwood	% Máquinas em geral/Máquinas Lidgerwood
Rio de Janeiro	211(187)	254	126	49,6
Minas Gerais	201(190)	122	87	71,3
São Paulo	43(40)	56	46	82,0
Espírito Santo	13(13)	17	2	11,7
TOTAL	468(430)	449	261	58,12

Fonte: Contribuição para o estudo das Máquinas de Beneficiar Café. (Leme, 1944, p.27).

Interessante notar com relação aos números totais é que no ano de 1882, os processos rotineiros de beneficiamento de café ainda superavam o uso de “máquinas modernas” embora com pequena margem. Quanto a porcentagem de máquinas Lidgerwood no total de máquinas declaradas, pode-se verificar que estas representaram 58,12 % das máquinas utilizadas na cultura cafeeira, naquele ano, junto as quatro províncias que, como já afirmamos, eram as maiores produtoras de café do País. Cabe destacar que o Rio de Janeiro, então em plena fase de decadência, apresenta um quadro bastante promissor em termos do uso de máquinas, uma vez que apresentou volume expressivo de emprego delas, o maior do país, superando, embora por pequena margem

o uso dos processos mais rotineiros e onde Lidgerwood, sofria maior concorrência, pois o número de indicações que recebeu de uso de suas máquinas (49.6%), ficou abaixo da porcentagem de uso que atingiu em nível nacional (58,12%). O quadro permite também visualizar que embora o número de máquinas na província de São Paulo fosse menor do que nas regiões cafeeiras mais antigas, esse número suplanta os processos rotineiros. E Lidgerwood lidera amplamente esse processo na medida em que concorreu com 82% das máquinas que foram utilizadas na mecanização da agricultura paulista.

Embora estabelecida na cidade do Rio de Janeiro desde 1862 e em Campinas desde 1864, essa empresa que a partir de 1877 assume a razão social de Lidgerwood MFG Co.Ltda., com sede em Nova York, só vai fabricar máquinas do sistema que, como vimos, há tantos anos vinha comercializando e distribuindo em várias regiões do País, em 1884. O que ocorreu na cidade de Campinas, quando essa firma alugou a Fundação de João Miguel Bierrenbach, localizada na antiga Rua da Constituição contando inicialmente com apenas dez operários. No ano seguinte, adquiriu o terreno onde foi construído o edifício que sediou a fábrica até o encerramento de suas atividades em Campinas ocorrida em 1923.²²

Em março de 1886, foram inauguradas a nova oficina mecânica, a fundição, serraria a vapor, caldeiraria, setor de modelação e também serralheira, à Av. Andrade de Neves, n. 93, no Largo da Estação Ferroviária da então Cia. Paulista de Estradas de Ferro. O registro na Junta Comercial da Capital do Império aponta o número do decreto 9623 de 7 de agosto de 1886, que autorizou seu funcionamento enquanto fábrica de máquinas.²³

Essa nova fábrica ocupando 85 operários que manufacturavam vinte toneladas de ferro por mês, foi dotada de motor de 75 HP e respectivas caldeiras, possuindo um guindaste de dez toneladas, que avançava sobre os trilhos da Estrada de Ferro Paulista que trafegava aos fundos dessa fábrica.²⁴

²² CAMILLO, op. cit., p.52. *CONTRATO de Venda e Compra*. Outorgante: Anderson, Vieira & Cia. Outorgado: Cia. Paulista de Estradas de Ferro, 08de fevereiro de 1928. Primeiro Traslado. Consta deste contrato à página 3, que o terreno foi comprado por Lidgerwood através de arrematação em hasta pública da Câmara Municipal de Campinas, em data de 3 de agosto de 1885, conforme certidão de Termo de Arrematação, n. 1031 de ordem de Registro Geral da Comarca de Campinas, Terceiro Tabellião, Livro 78, fôlha 1.

²³ Em levantamento procedido no Arquivo Nacional, *Fundo Junta Comercial do Império* não conseguimos localizar esse registro. A informação que aqui fizemos constar pertence a base de dados do estudo da Profa. Ana Célia Castro. *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia/ UNICAMP. Campinas, 1976, p. 169. Ver mais em CAMILLO, op. cit., p. 52, 55.

Em 1889, ano que se inicia com a cidade de Campinas sendo assolada por grave surto de febre amarela - que chegou a prejudicar o funcionamento de muitas indústrias da cidade, fazendo até mesmo com que Lidgerwood, nesse ano, fechasse suas portas - essa empresa instalou depósitos e oficinas na cidade de São Paulo. Estes localizavam-se respectivamente nos bairros de Campos Elíseos e Bom Retiro, entre as linhas férreas da Cia. Sorocabana e da Cia. Paulista. Sendo que a área ocupada pelos edifícios da fábrica no Bom Retiro, era de 17.000 m² e o escritório foi inicialmente montado à Rua do Comércio, n. 14..²⁵

Levantamento de dados junto a JUCESP (Junta Comercial de São Paulo) nos possibilitou acompanhar a trajetória dessa empresa quanto a alterações em sua razão social e de propriedade nesse período subsequente. À Lidgerwood Manufacturing Company Limited, de que viemos até agora tratando, sucedeu a Lidgerwood Limited, uma sociedade por ações constituída em 28 de fevereiro de 1914 com sede em Londres, na Inglaterra e filiais na República do Brasil. Apenas quatro anos se passaram, quando a Lidgerwood Limited vendeu todo o seu ativo móvel à Lidgerwood do Brasil em documento assinado em São Paulo a 7 de junho de 1918.

Uma vez acompanhada a trajetória dessa empresa seja na Capital do Império, na cidade de Campinas e nas regiões cafeeiras impõe-se comentar principalmente sobre as formas específicas de comercialização, distribuição e fabricação de suas máquinas em nível internacional de maneira ampla e especificamente para o Brasil, num contexto em que o avanço econômico e tecnológico dos EUA estava surpreendendo o mundo pelo seu progresso.

Essas formas de distribuição e comercialização de máquinas agrícolas obedecia a um padrão que embora comum na época, porque praticado por outras empresas não só americanas, como também inglesas, como tivemos oportunidade de observar mostravam-se bastante inovadoras para a época. Evidenciava estratégias de abordagem do mercado, dada a forma pela qual eram levadas ao conhecimento da sociedade a existência e a utilidade das máquinas que comercializava, que consistia na exposição delas com demonstração de seu funcionamento em dia, hora e local específicos, sempre coadjuvadas pelas propagandas em jornais da época, porque era nestes que se divulgava o local, dia e hora em que tal ocorreria no depósito de máquinas da empresa.²⁶ O que

²⁵ CAMILLO, idem, p. 54.

²⁶ Lidgerwood parece ter mantido com a imprensa um grau de contato freqüente, utilizando os anúncios da firma como canais de comunicação com os usuários de suas máquinas mas, não só, serve-se deles

pode ser constatado na imprensa carioca através de propagandas publicadas no *Jornal do Comércio* a partir de julho de 1869, uma amostra das quais segue abaixo:

Além disso ofereciam aos consumidores, um produto com um diferencial: “construção simples” e “maquinismo muito aperfeiçoado”, podendo ser instalado e trabalhar em qualquer casa pois dispensa carpinteiro”, e com custo inferior até de outras máquinas por eles mesmos fabricadas, a indicar os aperfeiçoamentos constantes, diferencial este logo identificado pelos consumidores, porque constantemente mencionado por eles. Presentes nas longas séries publicadas nos jornais *Gazeta de Campinas* e *Correio Paulistano* sob o título Cartas Lidgerwood ou Novas Cartas Lidgerwood seguramente outra estratégia de aproximação do mercado.

Nelas identifica-se prontamente o caráter promocional das mesmas pelas expressões “em resposta a carta de...” ou “de posse de sua carta de 10 do corrente a qual me pede que diga-lhes alguma coisa a respeito da machina de beneficiar café que vv. ss. me mandaram”, ou ainda “ recebi a sua..., pede-me que lhes informe sobre o despoldador que comprei...se estou satisfeito com o resultado...”. Alguns autorizam a firma “que podem desta minha carta fazer o uso necessário para conhecimento da qualidade da machina...”.

Algumas delas, embora não mencionem a existência de carta recebida, pelo seu teor, em preocupar-se em notificar à firma de que adquiriram tais e quais máquinas, e, principalmente, como e, muitas vezes, por quem foram instaladas é de crer-se terem sido solicitadas. Fazem alusão clara aos técnicos instaladores, nomeando-os, alguns chegam a chamar a atenção da firma sobre a importância deles, recomendando “...a necessidade de nunca descuidar de ter machinistas profissionaes pois disso essencialmente depende todo o resultado de seu prodigioso mecanismo – o melhor e mais aperfeiçoado que conheço neste gênero. Creio que por esta região v.v. s.s. não terá competidor, salvo se não tiver a felicidade de contar sempre com machinistas peritos e conscienciosos iguais ao Sr. Moreira”. E as indicações se sucedem em grande parte das missivas publicadas, são os srs: José Brown, Guilherme C. Piper, Tompson, Carvalho e Antônio José Moreira, este, que se repete, destacando sempre que empregados dessa natureza “teem a dupla vantagem de honrar um estabelecimento tão merecidamente

também para mandar recados aos concorrentes, dá explicações sobre procedimentos que adota, chega até mesmo a publicar listagens de preços em Santos e em Campinas, a solicitar o tipo de café que precisa para realizar as demonstrações de suas máquinas prometendo limpá-los de graça, denuncia imitações e acaba por elogiá-las, concluindo que por serem imitações de suas máquinas acabavam se apresentando melhores que os produtos dos concorrentes.

considerado como o de v.v.s.s. e de agradavelmente satisfazer os fazendeiros que precisam dos seus serviços.”²⁷

Oriundas do interior da província de São Paulo e do sul de Minas, através destas cartas e da demonstração do funcionamento das máquinas divulgadas nos anúncios publicados na imprensa carioca conseguimos identificar e avaliar o resultado de uma das estratégias de Lidgerwood de conquista de novos mercados e de ampliação e manutenção dos já existentes, identificados por ocasião das Exposições de Café do Brasil ocorridas em 1881 e 1882. A julgar pelos números evidenciados nas diferentes tabelas até aqui expostas, pode-se afirmar que em 1882 as máquinas Lidgerwood alcançaram na então província de São Paulo o nível de 82 % da preferência dos cafeicultores paulistas e na do Rio de Janeiro 49,6 % da dos cariocas quando garantiu presença em pelo menos 55% dos municípios produtores de café daquela província.²⁸

Creemos ter demonstrado no decorrer deste trabalho que Lidgerwood sempre enfrentou concorrentes, sendo assim, cumpre nos determos um pouco mais sobre essa questão, identificando fatos e movimentos capazes de exteriorizar na trajetória dessa empresa no Brasil, estratégias de convivência bem como salientar oportunidades de confronto junto a esses mesmos concorrentes. Nesse sentido a cidade de Campinas, província de São Paulo, passa a ser um cenário privilegiado e mais indicado para essa análise, porque local onde as evidências mais se externalisaram.

As relações de rivalidade existentes entre Lidgerwood e seus concorrentes na cidade acima indicada começam desde logo, pouco depois de ter ali se estabelecido, pois em 1868 já existia tramitando pelo Tribunal de Justiça de Campinas, processo movido pelo “cidadão norte-americano Guilherme Van Vleck Lidgerwood, residente em Campinas” contra o “cidadão alemão” João Conrado Engelberg, inventor do sistema “Conrado” de beneficiamento de café, acusando-o de infrator de seus privilégios, tendo sido vencido pelo Réu que alegou ser Lidgerwood “(...) melhorador da referida machina (...) não pode ter direito a privilégio sinão sobre o melhoramento, (...) é menos exacto que as tenha feito neste paíz. Porque trazendo do exterior, feitas já as suas pretendidas machinas, o Autor... que não é inventor, é apenas introdutor, e como tal tem direito a um premio, que não tem privilégio.” O processo deixa claro que “é inexato que o Réu tenha fabricado e alienado machinas inteiramente semelhantes as do Autor na

²⁷ As cartas citadas foram publicadas no jornal *A Gazeta de Campinas*, nos dias 14 set. 1880, 03 nov. 1880, 23 nov. 1880, 04 fev. 1882.

²⁸ Ver Tabelas IV e III da p.17 deste capítulo.

idéia e fim capitaes”, sendo que o Réu declara “não compreender como em matéria desta natureza possuem a idéia e o fim capitaes – ser monopolizados”. Testemunha no referido processo, já em março de 1874, Guilherme P. Ralston, agente do Autor na cidade para venda de máquinas, declara que “as machinas(...) não são de facto fabricadas dentro do Império, mas sim o Autor as importa feitas no estrangeiro sendo que antigamente vinhão dos Estados Unidos agora vem da Escócia. (...) essas machinas todavia são fabricadas pelo próprio autor nos referidos países estrangeiros, isto é, nas fábricas do Autor nos países referidos.” Sendo que nenhuma prova foi apresentada pelo Autor em sua própria defesa, tendo por este sido abandonado em 1875.²⁹

A abertura de Oficina Mecânica e da Fundação de Ferro e Bronze pela firma Bierrenbach & Irmão acarretou-lhes um processo na justiça, que perdurou por cinco anos (1870-1875), requerido igualmente por Guilherme Van Vleck Lidgerwood, proprietário da então firma Milford & Lidgerwood, que acusou Bierrenbach & Irmão, de estarem infringindo seu “privilégio exclusivo” para “fazer, usar e vender em todas as localidades do Brazil machinas de sua invençam de descascar e beneficiar café(...)” pois segundo o Autor (Lidgerwood) estes além de fabricar machinas de café constantes de partes e elementos semelhantes aos de que usa e faz emprego nas suas o Autor (...) terem os Réus vendido dessas machinas, o que visivelmente constitue uma contravenção ao privilégio do Autor (...). Embora os Bierrenbach tivessem conseguido provar que suas máquinas eram completamente distintas das do autor mas, que mesmo assim, ele os Réus, tinham direito de fabricar máquinas tais quais as do Autor, porque este não era o inventor de tais máquinas, Lidgerwood derrotou-os na justiça em virtude da Lei de Patentes de 1830, que prescindia do registro no País de máquinas já patenteadas e melhoradas no exterior. Ao término do processo, o advogado dos Réus, Francisco Quirino dos Santos, faz melancólica e contundente descrição do clima do encerramento do processo. “Chega à seus últimos termos a presente cauza, acompanhada de todo aparato imperial. À semelhança dos antigos imperadores romanos, o Autor faz a sua entrada neste augusto recincho, seguido das turbas que o aplaudem, coberto dos louros

²⁹ CAMILLO, op.cit., p.51, 31. Ver mais em *LIBELO Cível*. Autor: Guilherme Van Vleck Lidgerwood, Réu: João Conrado Engelberg, 1868. Tribunal de Justiça de Campinas., II ° OF, cx. 348, n. 6684, p. 42 f., 43 v., 75 f., 175 f. Arquivos Históricos – CMU.(Centro de Memória – UNICAMP). João Conrado Engelberg, engenheiro mecânico e fundidor da Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, que por 16 anos, a contar da data do processo de que estamos tratando, veio pesquisando e aperfeiçoando o seu invento, este destinava-se a descascar e beneficiar café, tendo recebido privilégio imperial, dele decorrente, a 7 de dezembro de 1868. Coube à fundição de Bierrenbach & Irmão a fabricação das máquinas do sistema “Conrado”, composto por 26 máquinas (3 movidas a vapor e 23 a água), enquanto o sistema “Lidgerwood” era composto por 33 máquinas (11 movidas a vapor e 22 a água).

da victoria, levando arrastados, apoz si, os últimos trophéos dos vencidos, nós que aqui estamos pezarosos de fronte abatidas fazendo cortejo ao carro triumphal! (...) o Autor manda por seu advogado, (Francisco Glicério de Cerqueira Leite), proclamar a sua victória e a derrota de seu adversário. (...) vivas e hurras atroam aos ares, (...) no meio arrodeado de palmas e elevado acima da massa, o herói do dia, o Deus da festa (...) daí caminho, conveniências nacionais, abri vereda, considerações de utilidade pública: arredai-vos: são os direitos individuais que passam; é Guilherme Lidgerwood que vai!...”³⁰

Alguns anos se passaram e Guilherme V. V. Lidgerwood volta a acionar a Justiça, agora contra Guilherme Mac Hardy que viera da Escócia em 1872 para trabalhar junto a ele, em sua firma Milford & Lidgerwood tendo, três anos depois, montado seu próprio estabelecimento de fabricação de máquinas de beneficiamento de café e outros utensílios, ferramentas e implementos voltados para a lavoura. Afirmava Lidgerwood, por seu procurador no Rio de Janeiro e por seus advogados nesta cidade de Campinas, ter movido Ação Ordinária e citado a Guilherme Mac Hardy, em que pede seja o Réu indiciado por ter feito, usado e vendido máquinas semelhantes as do Autor e que ferem e infringem os privilégios concedidos ao mesmo, através de cartas patente por suas invenções e melhoramentos em machinas de descascar e beneficiar café, e condenado “a entregar as machinas fabricadas em contravençam, todos os instrumentos e utensílios empregados no fabrico das mesmas, alem d’uma multa igual a decima parte do valor dos productos fabricados e indemnisação de perdas e danos, seguindo o disposto na Lei de 28 d’Agosto de 1830.”³¹

A briga na justiça ganha amplitude e se aloja principalmente na imprensa local, já a partir de novembro de 1878, quando cartas trocadas entre Mac Hardy e um admirador contumaz de Lidgerwood, José Eleutério Mafra trazem a baila a qualidade dos dois sistemas e os custos envolvidos em suas aquisições. Foi possível identificar-se anúncios mandados publicar por Mac Hardy que visavam claramente denegrir a imagem de Lidgerwood ou instigá-lo ao confronto. A que um fazendeiro anônimo responde, escrevendo contra o anúncio de um ventilador fabricado por Lidgerwood que custara 340\$000 sendo vendido a 150\$000 mil réis por Mac Hardy. “Só o espírito de

³⁰ CAMILLO, op. cit., p. 31. *LIBELO Cível*. Autor: Guilherme Van Vleck Lidgerwood, Réu: Bierrenbach & Irmão, 1870. Tribunal de Justiça de Campinas, 1º OF, cx. 199, nº 4162, p. 75 f., 127 f.. Arquivos Históricos – CMU.

maledicência e para hostilizar fez aquele anúncio, dá a entender que o Sr. Mac Hardy para poder vender suas machinas (que também são boas) precisa agredir seus competidores”. Assim os títulos se sucedem: ³²(colocar 3 recortes: primeiro, máq. a venda de segunda mão da lidger. por Mac Hardy e 2 cartas paralelas de desafio de Mac Hardy à Lidg.).

Aparecem entre esses anúncios outros que dão conta de explicitar um tipo de relação praticado por Lidgerwood em relação aos seus concorrentes, por exemplo a de parceria, quando cedeu seu próprio espaço de funcionamento, o depósito de máquinas, para exposição com demonstração de funcionamento da máquina de secar café “Taunay – Telles”. Há que observar-se que Lidgerwood não conseguiu até essa data, outubro de 1880, obter privilégio para secadores de café, pode ser que tenha assumido “o privilégio imperial para produzir, usar e comercializar um Secador de Café”, concedido a João Miguel Bierrenbach em 1879, ao ter alugado sua fundição em 1884, quando passou a fabricar as máquinas do seu sistema no País. Contudo sabe-se que em 25 de outubro de 1884, Guilherme V. V. Lidgerwood & Cia, teve eliminado privilégio de “Novo Secador Lidgerwood, destinado a seccar café e outros produtos”, por decreto de 1883, através de Portaria expedida pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.³³

Durante as Exposições Provincial, ocorrida em São Paulo (janeiro de 1885), e Regional, ocorrida em Campinas (dezembro de 1885), multiplicaram-se as rivalidades sobre que máquinas eram mais adequadas ao beneficiamento do café, sendo concorrentes, tanto em São Paulo quanto em Campinas os três maiores fabricantes de máquinas agrícolas: Lidgerwood, Mac Hardy e Arens que, como já demonstramos, ficaram conhecidos nacionalmente após a Exposição de Café do Brasil de 1882. Vivia-se então um clima de disputa sem tréguas entre esses três fabricantes locais de máquinas, principalmente de beneficiamento de café, e mal um fabricante apresentava um invento, outro o melhorava e o terceiro o modificava, obrigando os inventores a dispender esforços constantes de aperfeiçoamento de seus inventos.³⁴

Por ocasião das duas Exposições, a Provincial e a Regional, Lidgerwood gastou RS 28.000\$000 contos de réis para nelas se fazer representar. Na Exposição Provincial,

³¹ CAMILLO, idem, p.107. *Ação Ordinária*. Juízo Commercial da Cidade de Campinas. Autor: Guilherme Van Vleck Lidgerwood, Réu: Guilherme Mac Hardy, 1877. Fundo Tribunal de Justiça de Campinas. IIº OF, cx. 401, nº 8003, p .

³² *GAZETA de Campinas*, edições de 12 mar. 1880, set. 1880,

³³ *GAZETA de Campinas*, Campinas, 17 out. 1880. CAMILLO, op. cit., p. 37, 52. LOBO, op.cit., p. 116.

este foi premiado com medalha de prata pela máquina de beneficiar café, de sua invenção, fabricada em Campinas, que apresentou. Isto após demonstração prática de utilização das máquinas expostas junto ao corpo de júri da seção industrial, durante a qual ficou comprovado que o café beneficiado pela máquina Lidgerwood apresentou melhor qualidade do que o proveniente da máquina de Mac Hardy & Cia., embora a Lidgerwood tenha concorrido com um modelo pequeno e gasto mais tempo do que a máquina do concorrente para obtenção do produto final.

Na Exposição Regional o pavilhão Lidgerwood ocupou uma área de 160 m². Nele estava exposta, entre outras peças, a máquina Paulistana, a mesma exposta em São Paulo, mas que sofrera alguns aperfeiçoamentos durante o ano de 1885. O que chamava atenção nessa máquina era a exiguidade de espaço requerido para sua instalação, mesmo se tratando de um maquinismo tão completo, pois “entrando nela o café em coco saía dela medido e ensacado”.³⁵

O Manual de *História Económica de la Empresa* de Valdaliso torna-se instrumento valioso e preciso no sentido de conformarmos nosso objeto de estudo isto é, no esforço para delimitá-lo teoricamente que é válido uma vez cumprido o objetivo de analisá-lo. Evocando as *First Movers*, uma empresa pioneira e que estrategicamente soube manter-se no mercado brasileiro de máquinas de beneficiamento de café, chegando mesmo a liderá-lo, assim podemos classificar a empresa que se constituiu em nosso objeto de estudo.. Vejamos porque.

Levando-se em conta os parâmetros nos quais se apóia Valdaliso, a empresa de que estamos tratando pode ser definida como “inventora”, pois desenvolveu uma patente ou uma tecnologia, presente nas máquinas que fabricava no exterior e comercializava dentro do País. Também “pioneira de produto”, por ser uma empresa que desenvolveu uma inovação, “pioneira no mercado”, por ser a primeira, ou uma das primeiras a comercializar uma inovação e ” líder precoce” ou “prematuro”, enquanto empresa que lidera o mercado durante a primeira fase do ciclo de vida de um produto.

Na explicação dada por Valdaliso, ele se refere concretamente à situação dessas empresas pioneiras nos EUA, quantificando que 47% delas fracassaram, somente 11% se converteram em empresas líderes ou dominantes, e apenas 8% conseguiram manter sua liderança no mercado. Para os autores em quem Valdaliso se apóia o caminho para o

³⁴ CAMILLO, idem, p. 114, 52.

êxito não consiste em ser o primeiro a entrar no mercado, mas sim em lutar continuamente pela liderança avaliando as oportunidades que se apresentam no mercado, reforçando as capacidades da empresa e destinando recursos para satisfazer eficientemente as necessidades dos consumidores. Chandler também chegou as mesmas conclusões, acrescentando que as empresas que dominaram o mercado internacional em seus respectivos setores entre 1870 e 1940, não foram nem as inventoras de um produto ou processo, nem as pioneiras na comercialização dos mesmos, senão aquelas que realizaram um triplo investimento em produção, marketing e direção necessária para explorar plenamente as economias de escala e diversificação, estas seriam para ele as *first movers*. Nesse sentido a julgar pelos parâmetros expostos correlacionando-os ao que viemos até agora expondo sobre a atuação dessa empresa no mercado brasileiro é de crer-se estarmos tratando de uma autêntica *first mover*.³⁶

Estudos de marketing tem dado tradicionalmente pouca atenção ao ocorrido no período de 1870 – 1930. A periodização tradicional sustentava que esse período correspondia aproximadamente à “era da produção”, fase em que a preocupação central da empresa estava voltada para a produção, ficando a distribuição nas mãos dos grandes comerciantes e de intermediários (pequenos comerciantes) independentes(minoristas) e onde os produtos, praticamente se vendiam por si só. As mudanças experimentadas nas vendas diretas ao consumidor, a integração da produção e da distribuição em muitas indústrias e de maneira mais geral, a intensificação da competição entre as empresas neste período sugerem o contrário. Uma outra periodização que considera alguns elementos da proposta anterior e que tem por base os EUA, indica ter existido uma primeira fase até a década de 1880, que se caracterizou pela fragmentação dos mercados, em que existia a separação entre os produtores e os consumidores e a hegemonia dos grandes comerciantes e intermediários. A partir de 1880 até 1950 se entraria num a fase de unificação, quando se dá o início do uso de marcas e embalagens; não obstante, no marketing em grande escala, de maneira análoga na produção em massa, o preço seria a arma competitiva fundamental, os lucros seriam gerados através da comercialização de um grande volume de produtos, a um preço unitário e com

³⁵ IDEM, Ibidem, p. 52, 53. “Primeira Exposição Provincial”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 jan.1885. FREIRE, Ezequiel. “Exposição Regional de Campinas – Pavilhão Lidgerwood”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 31 dez 1885.

³⁶ VALDALISO, Jesús Ma. e LÓPEZ, Santiago. *História económica de la empresa*. Barcelona: Crítica, 2000, p.304. O autor apoiou-se nos trabalhos de Golder & Tellis (1993 e 1996). Mira Wilkins usa para definir essas empresas pioneiras o conceito de *prime movers*.

margem muito baixa. O desenvolvimento das técnicas de marketing nos EUA e na Europa entre 1870 e 1940 ficaram patentes.³⁷

Durante esse período teve lugar uma mudança fundamental nas relações entre produtores e consumidores. Antes de 1870 a cadeia de relações e a sua ordem era a seguinte: o industrial oferecia o que de melhor produzia ao grande comerciante, o qual, se o convenciam, adquiria um volume determinado dos mesmos; por sua vez o grande comerciante (comissário) oferecia os bens ao intermediário, que os vendia ao consumidor. Os desejos desses consumidores centravam-se em produtos genéricos e era o intermediário (minorista) quem satisfazia a demanda a partir de suas reservas de mercadorias ainda não comercializadas. No início do século XX essa cadeia mudou substancialmente; o industrial não se limita a produzir, senão que distingue seus produtos com marcas que anuncia em meios de comunicação, tratando de conquistar o favor dos consumidores. Prática essa que ressalte-se foi adotada por William V. V. Lidgerwood, pode-se dizer, desde sua chegada à cidade do Rio de Janeiro em 1862 (9 de julho), tendo seu primeiro anúncio na imprensa carioca sido veículado em 7 de junho de 1863, dotado de amplo conteúdo informacional, já comunicando a existência, para a venda direta ao consumidor, de um sistema de máquinas por eles mesmos, anunciantes, fabricado, dotado de uma marca já existente nos EUA: Lidgerwood.³⁸

EMA ELISABETE RODRIGUES CAMILLO

Obs: O texto original apresenta muitas ilustrações que dado o limite do número de páginas não foram aqui inseridas. Pretendemos apresentá-las durante a VI Conferência da qual esperamos participar.

³⁷ VALDALISO, idem , p.299.

³⁸ IDEM, ibidem, p.300.